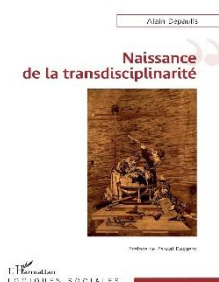


Resenha



DEPAULIS, Alain. *Naissance de la transdisciplinarité*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2024. 230 p.

Interpenetrabilidade epistêmica como modelo contemporâneo de construção do conhecimento: reflexões a partir de Alain Depaulis

Epistemic interpenetrability as a contemporary model for knowledge construction: reflections on Alain Depaulis

Fábio Luiz Nunes*  

A fragmentação do conhecimento em disciplinas especializadas é um fenômeno que tem provocado debates sobre o progresso científico (Balietti; Mäs; Helbing, 2015) e a própria estrutura da produção de saberes (Lightman; Sera-Shriar, 2022). Em um ambiente de permanente questionamento das fronteiras disciplinares, a publicação da obra *Naissance de la transdisciplinarité* (Éditions L'Harmattan, 2024), ainda sem tradução para a língua portuguesa, representa uma leitura bastante dedicada sobre a gênese de um campo de saber que busca precisamente articular diferentes domínios do conhecimento. Seu autor, o psicanalista francês Alain Depaulis, é membro da École Freudienne e possui um percurso profissional que fundamenta seu interesse teórico no tema. Atuando como psicoterapeuta no Centre Médico-

* Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. E-mail: fabio.nunes.fln@cefetmg.br

psycho-pédagogique (CMPP) e na Consultation Médico-psychologique (CMP), localizados no departamento francês de Creuse, Depaulis cofundou o ateliê PLURIACT, focado na aplicação de múltiplos conhecimentos no atendimento a pessoas vulneráveis.

Naissance de la transdisciplinarité inicia-se com um prefácio de Pascal Roggero, professor de sociologia na Université de Toulouse 1-Capitole, que posiciona o trabalho de Depaulis (2024) como um exame do conflito histórico entre concepções unitárias e diversas do conhecimento científico. Roggero aponta a filiação do autor à linhagem intelectual que valoriza a complexidade e a multiplicidade, estabelecendo um percurso que vai de Giordano Bruno a Gaston Bachelard e que encontra em Edgar Morin um referencial teórico central. Na introdução, Depaulis (2024) apresenta o “paradoxo do Um e do Múltiplo” enquanto problema fundamental que dá vida a sua investigação. O autor reconstitui a origem dos termos, mostrando que emergência lexical de *transdisciplinaridade* data de 1972, em um artigo do biólogo cognitivista Jean Piaget, uma evidência que encontra correspondência em levantamentos históricos que também apontam para o seminário da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) de 1970 como o evento que inaugura a circulação da palavra (Bernstein, 2015). A introdução organiza ainda a estrutura do livro, cujo objetivo é traçar as condições de gestação, os debates e as resistências que marcaram a constituição do pensamento transdisciplinar.

O trajeto histórico da obra tem seu ponto de partida no capítulo um, que descreve como, na virada do século XX, os trabalhos de Paul Valéry, Sigmund Freud e Carl Gustav Jung conduzem à fragmentação da noção de um sujeito unificado, condição preliminar para a superação de uma visão monocular da realidade. O capítulo dois debruça-se sobre a ascensão do pluralismo no campo epistemológico, com as contribuições do escritor belga Rosny aîné e do epistemólogo e químico francês Émile Meyerson. O capítulo três, por sua vez, narra as resistências a esse movimento, materializadas no verificacionismo do Círculo de Viena e no célebre critério de refutabilidade de Karl Popper. O conjunto desses capítulos apresenta ao leitor as premissas históricas de uma reorganização epistemológica que demanda a interpenetração de saberes distintos, um princípio fundamental do *pensamento complexo*, conceito fulcral de Morin (2005). O capítulo seguinte investiga as fontes do pluralismo anglo-saxão, com especial atenção à filosofia de William James, estudioso que, influenciado por Hegel, Fechner e Bergson, desenvolve um pensamento fundamentado na experiência concreta. Esse itinerário intelectual descrito por Depaulis (2024) antecipa a formulação de novos postulados, como os axiomas da transdisciplinaridade que instituem os *níveis de realidade* e a *lógica do terceiro*

*incluído*¹ como ferramentas para a unificação de campos do conhecimento sem a fusão destes, como afirma Nicolescu (2012).

Nesses capítulos iniciais, Depaulis (2024) põe em evidência uma argumentação interessante (e relativamente inovadora) ao eleger a fragmentação psíquica como o antecedente necessário das revoluções na física e na filosofia, provando que a quebra da unidade do sujeito precisava ocorrer antes da quebra da unidade da ciência. A recuperação de figuras injustamente laterais, a exemplo de Rosny aîné, e a justaposição com a busca meyersonianiana pela identidade conferem densidade teórica ao texto, salvando-o de ser uma compilação histórica banal. É notável a franqueza com que o autor desautoriza a assepsia do Círculo de Viena e a inflexibilidade do modelo popperiano, tratando-os menos como ápices da racionalidade e mais como obstáculos sanitários à compreensão do real. Rejeitando a obsessão pela clareza linguística que esteriliza o pensamento, Depaulis toma partido, e tal atitude fortalece sua tese, na visão deste resenhista.

No quinto capítulo de sua obra, Depaulis (2024) desenvolve um diálogo improvável entre o racionalismo absoluto de Husserl, com o ideal de uma filosofia universal e a busca pela verdade pura, e o racionalismo em extensão de Bachelard, para quem o progresso científico por meio de rupturas epistemológicas e da superação de obstáculos. O próximo capítulo investiga a promessa não concretizada do pluralismo na sociologia, apresentando a constituição da disciplina desde o positivismo comtiano e sua classificação rígida das ciências e a distinção de Dilthey entre as *ciências da natureza* e as *ciências do espírito*, até a sociologia da ação de Simmel. Nesse ponto, Depaulis (2024) afirma que o rigor metodológico inspirado nas ciências naturais limitou o potencial de diálogo disciplinar, uma limitação que estudiosos como o analista do discurso Patrick Charaudeau (2010) ajuda a elucidar, à medida que diferencia a mera justaposição de saberes de uma interação que reconfigura os campos envolvidos. O sétimo capítulo, por seu turno, é dedicado ao pluralismo anarquista de Paul Feyerabend, cuja crítica radical ao método científico é apresentada como uma reação necessária ao dogmatismo, o que se amolda à crítica de Morin (2005) ao chamado *paradigma de simplificação* que mutila o conhecimento ao isolar os saberes.

¹ Os níveis de realidade podem ser entendidos como um conjunto de sistemas regidos por leis idênticas, como o mundo quântico e o nosso mundo macroscópico. A lógica do terceiro incluído é o que permite articular esses níveis: diferente da lógica clássica (na qual algo é A ou não-A), ela compreende um terceiro estado que é A e não-A ao mesmo tempo. Essa aparente contradição se resolve porque esse estado unificado existe em um nível de realidade diferente, como no caso da luz, que no mundo quântico se comporta simultaneamente como partícula e onda, unindo características que seriam excludentes em nossa realidade cotidiana (Nicolescu, 2012).

A partir do oitavo capítulo, Depaulis (2024) analisa as grandes revoluções do conhecimento, iniciando pela copernicana, que é descrita como uma profunda mutação intelectual no campo da astronomia que reconfigurou a relação humana com o cosmos. O capítulo nove trata, então, dos mecanismos de construção do saber, pondo em contato a teoria dos paradigmas de Thomas Kuhn (o que inclui sua distinção entre *ciência normal* e *ciência extraordinária*) e a epistemologia genética de Piaget. Depaulis (2024) faz destacar o papel desse último teórico na introdução do conceito de transdisciplinaridade, um ponto que Klein (2011) aprofunda ao classificar os diferentes graus de interação e integração entre disciplinas, permitindo localizar a proposição piagetiana como um nível superior de organização do saber. De sua parte, o décimo capítulo observa a revolução quântica, mostrando que os princípios da descontinuidade, da incerteza e da não separabilidade desmantelaram a física clássica, de base newtoniana. O autor compreende que a dissolução da causalidade e do determinismo, exemplificada pelos debates entre Bohr e Einstein, constitui a manifestação de uma complexidade irreduzível no real, um fenômeno que Morin (2005) conceitua por meio de princípios como o dialógico, que sustenta a coexistência de lógicas contraditórias.

O leitor poderá perceber que essa sequência de capítulos opera uma desconstrução vigorosa das pretensões absolutistas do saber científico, merecendo elogios pela forma como reabilita figuras teóricas frequentemente marginalizadas pela ortodoxia acadêmica. À medida que confronta o purismo fenomenológico de Husserl com a abertura epistemológica bachelardiana e denuncia o bloqueio imposto pelo positivismo de Durkheim à sociologia das interações de Simmel, Depaulis expõe inteligentemente as fraturas estruturais causadas pela especialização excessiva. A validação do anarquismo metodológico de Feyerabend coloca-se, nesse contexto, como uma contraposição quase niilista à arrogância institucional. A narrativa do autor ganha fôlego por vincular as rupturas cosmológicas iniciadas por Copérnico e a quebra do determinismo clássico na física quântica à urgência de novos modelos cognitivos. Nessa direção, a interpretação dada à complementaridade de Bohr e à espiral epistemológica de Piaget comprova que a transdisciplinaridade não representa um luxo teórico, senão uma imposição da realidade complexa.

Depaulis (2024), no capítulo onze, discorre sobre a *posição do observador*, partindo dos trabalhos de Georges Devereux para questionar a separação radical entre sujeito e objeto. Suas reflexões estendem-se à cibernética de segunda ordem no capítulo doze, com especial atenção a Heinz von Foerster, segundo o qual o conhecimento precisa incluir o próprio conhecedor no processo, instituindo um movimento de autorreflexão. Essa circularidade encontra um fundamento no capítulo treze, dedicado à lógica da energia de Stéphane Lupasco, cujo princípio

de antagonismo e estado-T (terceiro incluído) instituem uma dinâmica contraditória nos fenômenos (Nicolescu, 2012). O movimento de superação da lógica clássica, que segrega elementos, é um passo importante para a compreensão da complexidade, já que admite a coexistência de estados opostos como um componente intrínseco da realidade (Bernstein, 2015).

O capítulo quatorze dedica-se finalmente ao “ato de nascimento” da transdisciplinaridade, centralizado na figura do físico teórico de origem romena Basarab Nicolescu e na formalização de seus três axiomas: os níveis de realidade, a lógica do terceiro incluído e a complexidade (Nicolescu, 2012). Segundo Depaulis (2024), a institucionalização desse campo é marcada pela Carta da Transdisciplinaridade de 1994, assinada no Convento da Arrábida, em Portugal. Em seguida, no capítulo quinze, a obra de Morin é tida como uma fundamentação filosófica para essa nova atitude científica. Seus três princípios (*dialógico*, *recursivo* e *hologramático*)² são descritos como operadores do pensamento complexo, um pensamento que aproxima saberes e restitui os objetos de conhecimento a seus contextos (Vallejo-Gómez, 2008). Depaulis (2024) finaliza sua obra com uma conclusão que aborda as noções de *reliance* (o ato de ligar) e *dialogie* (a convivência dos contrários) como eixos de uma prática científica que assume a incerteza e, ao mesmo tempo, exige uma postura ética e reflexiva do pesquisador.

Os capítulos finais da obra tornam-se reféns de um viés psicodinâmico que, ironicamente, limita a prometida abertura epistemológica. No décimo primeiro capítulo, quando discute o problema da observação, o autor recorre a Devereux e a Lacan, o que faz o leitor associar a complexa questão do conhecimento a mecanismos de angústia e defesa psíquica, patologizando a relação sujeito-objeto. Essa tendência de psicologizar a epistemologia se mantém no capítulo doze, seção em que a cegueira cognitiva de von Foerster é lida sob a ótica do recalque, e segue no capítulo treze, no qual a lógica de Lupasco busca validação em sua proximidade pessoal com Lacan, como se a mecânica quântica carecesse de chancela clínica. Mesmo a exposição sobre Nicolescu e Morin, nos capítulos subsequentes, é concebida por essa perspectiva que converte a transdisciplinaridade em uma terapêutica de um idealizado “sujeito interior”, o que, no ver deste resenhista, desvia o foco das estruturas do saber para o sofrimento ontológico subjetivista. A obra finaliza-se a partir desse confinamento teórico: no momento em que baseia a definição de “Real” nas categorias lacanianas de Simbólico e Imaginário e na

² O postulado dialógico de Morin associa instâncias ao mesmo tempo complementares e antagonistas; no princípio recursivo, os efeitos retroagem sobre as causas em um anel produtor; já no princípio hologramático, entende-se que não apenas a parte está no todo, mas o todo está inscrito na parte.

heterologia de Bataille, Depaulis filia-se a um dogmatismo psicanalítico que contradiz a liberdade investigativa alardeada, o que ameaça transformar o projeto transdisciplinar em um subproduto de teorias do inconsciente.

Apesar do exposto, é possível depreender que *Naissance de la transdisciplinarité* possui respeitável pertinência por reconstituir a gênese do modelo transdisciplinar. O estudo, é verdade, parece despreocupar-se dos perigos de uma flexibilização imprudente dos padrões da ciência, que uma interpretação superficial ou enviesada do conceito pode suscitar. Com efeito, mesmo que se admita a importância da interligação de saberes para a resolução de problemas de alta complexidade (Bernstein, 2015), é imperativo que o exame rigoroso do compromisso metodológico e da ética científica norteie a colaboração entre as disciplinas. Essa estruturação é, na visão do resenhista, necessária para rechaçar sistemas de pensamento manifestamente pseudocientíficos, que podem se apropriar do discurso da integração de conhecimentos para legitimar proposições desprovidas de sustentação empírica ou lógica. A construção de um novo paradigma cognitivo (Morin, 2005) reivindica, diante disso, a aplicação de instrumentos teórico-metodológicos adaptados, como a *investigação dialética*,³ que permitem gerir a complexidade sem sacrificar o compromisso com a produção criteriosa do conhecimento.

Referências bibliográficas

- BALIETTI, S.; MÄS, M.; HELBING, D. On disciplinary fragmentation and scientific progress. *PLoS ONE*, [s. l.], v. 10, n. 3, e0118747, 2015.
- BERNSTEIN, J. H. Transdisciplinarity: a review of its origins, development, and current issues. *Journal of Research Practice*, [s. l.], v. 11, n. 1, p. R1, 2015.
- BULÉON, P. *Spatialités, temporalités, pensée complexe et logique dialectique moderne*. [S. l.: s. ed.], 2002.
- CHARAUDEAU, P. Pour une interdisciplinarité «focalisée» dans les sciences humaines et sociales. *Questions de Communication*, [s. l.], n. 17, p. 195-222, 2010.
- DEPAULIS, A. *Naissance de la transdisciplinarité*. Paris: Éditions L'Harmattan, 2024.
- KLEIN, J. T. Une taxinomie de l'interdisciplinarité. *Nouvelles Perspectives en Sciences Sociales*, [s. l.], v. 7, n. 1, p. 15-48, 2011.
- LIGHTMAN, B.; SERA-SHRIAR, E. (ed.). *Victorian interdisciplinarity and the sciences: rethinking the specialization thesis*. Pittsburgh (Estados Unidos da América): University of Pittsburgh Press, 2022.
- MORIN, E. *Introduction à la pensée complexe*. Paris (França): Éditions du Seuil, 2005.
- NICOLESCU, B. Transdisciplinarity: the hidden third, between the subject and the object. *Human and Social Studies*, Iași (Romênia), v. 1, n. 1, p. 13-28, 2012.

³ Na essência, esse tipo de investigação se mobiliza segundo os princípios fundamentais da dialética, como a lei da compenetração dos opostos e a lei da negação da negação. Isso significa que ela busca compreender os fenômenos a partir de suas contradições internas e do modo como estas se resolvem e se transformam, gerando novas realidades. É um método que reconhece a existência de uma conexão fundamental entre todos os elementos, mesmo quando eles parecem isolados, e aceita que as soluções e verdades encontradas são sempre provisórias, parte de um processo contínuo de superação (Buléon, 2002).

VALLEJO-GÓMEZ, N. La pensée complexe: antidote pour les pensées uniques: entretien avec Edgar Morin. *Synergies Roumanie*, [s. l.], n. 3, p. 77-90, 2008.